



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<b>Autor/editor:</b> Richard Baxstrom and Todd Meyers	<b>Cód.:</b>
<b>TÍTULO:</b> <i>Realizing the Witch: Science, Cinema, and the Mastery of the Invisible</i>	<b>Data da ficha:</b> 12 de Julho 2018
<b>Editora:</b> Fordham University Press	
<b>Ano:</b> 2016	
<b>ISBN:</b> 9780823268252	
<b>Páginas:</b> 296	

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

O realizador dinamarquês Benjamin Christensen queria que o seu filme *Häxan* (1922) servisse para ilustrar o facto de que as bruxas perseguidas pela Inquisição na Idade Média sofriam de distúrbios nervosos mais tarde associados pela ciência à histeria. Segundo os autores, o resultado final acabou por ser muito diferente. Christensen pretende pôr em cena aquilo a que chama “erros de crença”, anomalias do pensamento provocadas pela superstição e pela histeria, mas quer fazê-lo de uma forma objetiva, i.e. sem presumir que o que está a ser apresentado é falso. Isto coloca o realizador na posição paradoxal de ter de filmar com neutralidade algo que se sabe que não é verdadeiro. Segundo os autores, Christensen acaba desta forma por se deixar enfeitiçar pelas bruxas, materializando o seu poder através do cinema e de estratégias fílmicas claramente à frente do seu tempo. Para garantir a autenticidade da sua representação, Christensen foge à sobriedade do cinema documental da altura (nos anos 20 ainda não havia divisões rígidas entre géneros cinematográficos) e opta por um tipo de montagem que deixa que o real se expresse a si próprio (tem muitas vezes de contrariar as convenções da natureza para mostrar o poder das bruxas em ação). Os autores investigam outras estratégias usadas pelo realizador para fazer com que o cinema funcionasse como prova/testemunho da realidade (a imagem estática, o close-up, etc.). Exploram também a dimensão “viral” da caça às bruxas (os critérios que iam aparecendo multiplicavam o número de suspeitos) e o lado “experimental” dos julgamentos da Inquisição (que tinham de conseguir provar algo que não era visível).

Há uma relação entre as práticas desenvolvidas pela Inquisição para estudar o Mal e o aparecimento da Antropologia, disciplina que, segundo os autores, se propõe a estudar o invisível e o irracional. Christensen queria usar o cinema com o mesmo fim; produzir provas da existência destas forças intangíveis. O objetivo era estudar o invisível de uma perspectiva científica. Provar a existência de Satanás (e das suas bruxas) era, ao mesmo tempo, provar a existência de Deus, o seu eterno rival. No entender dos teólogos da Idade Média, era melhor que Deus existisse em perpétuo conflito com o mal do que se simplesmente não existisse. Se, segundo as escrituras, os seres humanos são incapazes de identificar forças espirituais (por exemplo, os demónios reconhecerem Cristo muito antes dos discípulos), então como podemos ter a certeza que estamos perante verdadeiros agentes de Satanás? A proliferação de bruxas na Idade Média foi entendida como uma prova. Para além disso, nos julgamentos da Inquisição, o testemunho tinha de ser produzido, isto é, construído ou forçado através da tortura. Não bastava aos inquisidores acreditar; era através da experimentação que fabricavam a prova. Os autores dizem-nos que um método semelhante foi usado para fazer sentido das tradições espirituais (aparentemente irracionais) de vários povos nativos: pensava-se que estes mentiam para esconder as suas tradições ou que não as compreendiam bem, por isso tinham de ser conduzidos até a verdade pelo entrevistador, que conduzia uma série de testes. Apesar de tudo, o conhecimento produzido era sempre “assombrado”: se fosse mera informação, então perderia o seu valor como testemunho. Como nos diz Jacques Derrida a este respeito, para ser válida enquanto testemunho, a narrativa do inquirido tinha ela própria de se expor à força irracional que garantia a sua autenticidade. O resultado da investigação tinha normalmente uma expressão visual. No caso das bruxas, por exemplo, se mesmo amarradas conseguissem flutuar, então isso era sinal que estavam possuídas. Remonta a esta vontade de produzir uma prova visual a introdução da fotografia na ciência.

### **1.2. Palavras-chave:**

Bruxas; Ciência e Magia; Antropologia; Inquisição; Experimentalismo;

Grupo Transmedialidades e Intersexualidades

### **Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do livro: Baxstrom, Richard e Todd Meyers. *Realizing the Witch*. New York: Fordham UP, 2016.